

O resgate da banda que começou mambembe no sertão e deixou sua marca na música brasileira

Ecoss dos pífanos de Caruaru

ANTONIO ROBERTO FAVA

fava@unicamp.br

Quando o guitarrista Carlos Eduardo Pedrasse, ainda garoto, ouviu um disco da Banda de Pífanos de Caruaru, não imaginava tratar-se do mais importante conjunto do gênero. Descobriria mais tarde que tinha em mãos uma obra preciosa à espera de estudos sérios, uma música genuína, original e de riqueza imensurável. “Essas pessoas estão envelhecendo. Logo vão parar de tocar ou morrer e um acervo cultural imenso será perdido e esquecido”, pensou. De tão envolvido pela sonoridade, estilo e técnica do conjunto, decidiu ele mesmo pesquisá-la.

As origens da banda não estão em Pernambuco, como sugere o nome, mas no sertão de Alagoas de 1924, quando Manoel Clarindo Bianco herdou do pai um tambor, um prato e dois pífanos. Escolheu a zabumba para tocar e transformou os filhos Sebastião e Benedito, com 5 e 11 anos de idade, nos pifeiros do grupo que percorreria os rincões dos dois estados, levando os instrumentos nas costas ou em lombo de animais. Quinze anos depois, a família Bianco fincou pé em Caruaru, capital do forró. Ao morrer em 1955, Manoel Clarindo pediu aos filhos que seguissem a tradição dos antepassados. E Sebastião e Benedito reuniram seus filhos para formar a Banda de Pífanos de Caruaru.

Chamadas também de *cabaçal*, *esquentamuié*, *quebreresguardo* e outros nomes, essas bandas trazem pífanos e instrumentos de percussão. “Não há instrumentos harmônicos, que fazem acordes”, explica Pedrasse. A de Caruaru é constituída de dois pífanos, caixa, zabumba e surdo. Seus toques sincopados e as melodias de atmosfera pastoril enriquecem dobrados, marchas, músicas de novena e missa, frevos e peças folclóricas. “Mas hoje temos bandas de pífanos que tocam até sucessos de rádio”, assinala o pesquisador, com certo inconformismo.

A Banda de Pífanos de Caruaru brilhou nos anos 1970, alcançando enorme popularidade e marcando a música popular brasileira com uma obra importante sem que nenhum de seus integrantes conhecesse música. “Todos tocam de ouvido, ninguém pisou um conservatório, tal como os Beatles e veja o resul-



Foto: Divulgação

tado que a música deles alcançou”, compara.

Sebastião Bianco assina a maioria do repertório. Fazia a melodia e a letra (se houvesse) e depois mostrava ao irmão Benedito, que “inventava” a outra linha de pífano. Sem tempo para ensaios, os percussionistas iam aprimorando os arranjos durante as apresentações, no embalo, sugerindo um breque aqui, outro ali. “Até hoje eles não gostam de ensaiar. Só passaram a fazer isso ao tocar composições de outros autores, mais recentemente”, observa Carlos Pedrasse.

Forró no rádio – Embora preserve o status de grupo mais tradicional do Brasil, a Banda foi um tanto descaracterizada. Cedeu a imposições das gravadoras a partir de 1982, gravando, por exemplo, forrós clássicos que as rádios tocam sem parar. “As dificuldades financeiras obrigaram a busca de mercados alternativos, tornando-a parecida com grupos comuns espalhados por aí”, avalia o guitarrista.

O último disco lançado, *Tudo isso é São João* (1999) tem apenas uma música de autoria da banda. A morte por infarto de Benedito Clarindo, aos 87 anos, em 17 de dezembro de 1999, em São

Paulo, contribuiu para que o conjunto perdesse muito de suas características melódicas e harmônicas. “A série de transformações incluiu instrumentos eletrônicos nas gravações, mas não procurando uma simbiose com o estilo dos pífanos e sim para dar a impressão de salão de forró”, resalta Pedrasse.

A Banda de Pífanos de Caruaru influenciou e contribuiu de modo significativo com a música popular brasileira, tendo obras gravadas por artistas consagrados como Gilberto Gil – a faixa *Pipoca Moderna* do disco *Expresso 2222* (1972) – e Caetano Veloso – disco *Jóia* (1975), música de mesmo nome com letra do compositor.

Carlos Pedrasse, autor da dissertação: “Os músicos da Banda de Caruaru estão envelhecendo e o acervo acabaria esquecido”



Foto: Neldo Cantanti

DISCOGRAFIA

▣ *Bandinha de Pífanos – Zabumba Caruaru* (1972), CBS

▣ *Bandinha de Pífanos – Zabumba Caruaru, vol. II* (1973), CBS

▣ *Banda de Pífanos de Caruaru* (1976), Continental

▣ *Banda de Pífanos Caruaru* (1979), Marcus Pereira

▣ *A Bandinha vai Toccar* (1980), Marcus Pereira

Raízes dos Pífanos (1982), Copacabana.
Tudo é São João (1999), Trama

Fusão de ritmos

O pífano é tocado como uma flauta transversal, embora existam tipos para execução de frente como a flauta doce. Geralmente feito de taboca, um bambu mais fino e delicado, há quem o fabrique com canos de PVC ou mesmo canos de aço. Existem três tamanhos básicos – meia-regra para sons mais agudos, três-quartos usado pela Banda de Caruaru e regra-inteira para sons graves. A palavra pífano viria do alemão “pfeiffe”, “silffler” ou “pfefer”: assvio ou sopra. Os instrumentos, sendo de construção artesanal e não-padroneizada, produz sonoridades também não padronizadas.

As condições naturais adversas e o atraso na chegada dos meios de comunicação fizeram com que o sertão conservasse muitas referências musicais trazidas pelos colonizadores portugueses no século 16, impregnadas da cultura medieval. Essas referências – somada a influência das músicas africana e indígena – foram transmitidas oralmente de geração em geração, chegando até o início do século 20. “Na música da Banda de Pífanos de Caruaru, não conseguimos identificar um ritmo tipicamente brasileiro, como o xote e o baião, mas uma fusão de muitos ritmos gerando outros que nem os integrantes do grupo sabem denominar”, explica o pesquisador Carlos Eduardo Pedrasse.

Pedrasse defendeu recentemente a dissertação de mestrado *Banda de Pífanos de Caruaru – Uma análise musical*, sob orientação do professor José Roberto Zan, do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Foram quatro anos de pesquisa, iniciadas em 1999 e desenvolvidas em São Paulo (onde os músicos da Banda residem) e em Caruaru, com financiamento da Fapesp.

UNICAMP NA IMPRENSA

▣ Estadão.com.br

12 de março - A água da chuva costuma ser considerada limpa, por ser naturalmente destilada no ciclo de evaporação e precipitação. Uma análise mais atenta de pesquisadores da Unicamp, porém, revelou que ela pode conter metais pesados, oriundos do material particulado em suspensão, “lavado” da atmosfera durante as chuvas, em regiões industrializadas ou urbanas.

10 de março - O ministro da Ciência e Tecnologia, Roberto Amaral, tem insistido na tese de que os recursos e o grosso dos investimentos em ciência estão concentrados no eixo Rio-São Paulo. Para o físico Carlos Henrique de Brito Cruz, reitor da Unicamp, a cen-

tralização da ciência restringe o desenvolvimento econômico e social do País inteiro.

▣ Correio Popular

12 de março - Mostra ‘O Feminino’ reúne objetos e curiosidades sobre mulheres famosas de Campinas a partir de hoje no Museu da Cidade. Para inaugurar a mostra, convidou a professora do Instituto de Artes da Unicamp, Marília de Andrade, para ministrar a palestra O Feminino nas Artes, sobre a participação das mulheres nas atividades artísticas.

12 de março - Artista plástica Fúlvia Gonçalves doa 174 desenhos que fazem importante registro da arquitetura de Campinas ao Centro de Memória da Unicamp.

13 de março - A Secretaria Estadual de Educação lança em maio o Bolsa-

Universidade, um programa inédito de financiamento de bolsas de estudo em faculdades e universidades particulares para cerca de 25 mil estudantes carentes formados em escolas estaduais. O Estado vem buscando formas de ajudar os alunos carentes, como a ampliação de vagas nas três universidades estaduais (USP, Unicamp e Unesp).

▣ Universia Brasil

12 de março - O Centro de Memória-Unicamp (CMU) e o Centro de Memória da Faculdade de Educação (FE) promovem, de hoje (12) a sexta-feira (14), o seminário “As múltiplas faces da memória - territórios e cenários das lembranças”.

▣ Folha de S. Paulo

12 de março - A Unicamp divulgou

hoje a terceira lista de aprovados no processo seletivo 2003.

9 de março - Líder de vendas, o cinto de segurança infantil é um acessório controverso. Apesar de ser a opção de quem não consegue manter os filhos na cadeirinha, ele é criticado pelos especialistas. Segundo Marcus Romaro, professor do curso de extensão universitária em segurança veicular da Unicamp e engenheiro da GM, num impacto, além da colisão do carro com o obstáculo e dos corpos das pessoas com o interior do carro, ocorre a colisão dos órgãos internos com a estrutura óssea.

▣ Agência Brasil

11 de março - Timbres e sonoridades não usuais é o que o público pode esperar do trio instrumental Guello, Dimos e André nesta terça-feira, às 21h, com entrada fran-

ca no teatro do Sesc Santo André (r. Tamaritaca, 302. Tel.: 4469-1200). Cello, viola de arco, percussão e piano são os instrumentos que se alternam em composições próprias, arranjos especiais e improvisações de três feras da música contemporânea. Além do trio, integra a Orquestra Popular de Câmara e dá aulas de violoncelo no Departamento de Música da Unicamp.

▣ Jornal do Brasil

13 de março - O nível de emprego da indústria de transformação do Estado de São Paulo - a maior do país - ficou praticamente estável em fevereiro. É um resultado ridículo. Criar 75 vagas em São Paulo é nada. Mostra que o desemprego se mantém alto e só não aumentou mais por causa das exportações - disse Claudio Dedecca, economista e professor da Unicamp.